



Gustavo Sartori Barba

MEU CORPO SOCIAL

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2021

PRÓLOGO

O caldo cultural em que fomos cozidos possui temperos e bases que remontam aos nossos ancestrais mais remotos e a sabores que vieram sendo depurados por toda a história, de nosso país e de nossa região em particular. Portanto, não tenho a pretensão de esgotar ou sequer criar um panorama geral das minhas raízes mais profundas de comportamentos e costumes, o que, aliás, se chocaria também com a personalidade única que cada um de nós experimentamos ao sermos nós mesmos. Ao contrário, esta é uma busca pessoal por minhas origens no campo do imaginário. Há preconceitos e marcas linguísticas que carregamos, gostos pessoais e objetos de desejos moldados em nosso fluxo afetivo pela cultura que nos gerou, persistentes mesmo após as reflexões da vida adulta. Ainda que nossos esforços em abandonar estas amarras sociais nos façam crer que as tenhamos superado, percebermos que, sutilmente, ficam marcadas em nosso corpo e mente. Como se dá isso? De onde vem? São essas as perguntas que lanço a mim mesmo, às quais não tenho a pretensão de responder, ainda que me sinta impelido a fazê-las.

Inscrito no grupo social responsável por dar fruto à expressão autoritária que tomou de assalto a política e os comportamentos — empresário, pai e filho em famílias tradicionais, — utilizando um ponto de vista privilegiado, ao abordar

minhas próprias origens, acabo me aproximando também das fontes do recrudescimento deste conservadorismo. As marcas que trago em minha identidade e procuro ocultar são denunciadas pela combustão agressiva de minhas reações a estas expressões. Animal politicamente em erupção!

Nesta busca, embarco numa viagem pelas vísceras de minhas emoções e recordações, aprofundando-me camada a camada no meu psiquismo, onde acabo encontrando velhos fantasmas a me torturarem e a me encantarem. Neste movimento, algumas passagens podem ser julgadas por sua acidez crítica, porém, esclareço que não se trata do julgamento de alguém que, de um plano superior, profere sentenças aos seres de baixo; ao contrário — qualquer análise é feita de dentro, como que olhando no espelho e as dirigindo a mim mesmo e às minhas contradições. Sou sujeito passivo e ativo neste ambiente e este que lhes apresento é o meu corpo social, com suas chagas e odores desagradáveis.

20 de janeiro de 1979, 5h:50 da manhã: minha mãe dava à luz um bebê de pele alva e ralos cabelos loiríssimos, como sempre sonhou — sonho anteriormente frustrado no nascimento de cada um dos três primeiros filhos. Mas a felicidade se ofuscava por estas ironias e contingências da vida: depois de três filhos e um marido que passava os dias de semana viajando e a deixava cuidando sozinha da casa e da prole, num esforço que só as mulheres compreendem, a última coisa que ela queria era engravidar de novo e dificultar ainda mais aquela batalha. Eis que o quarto e indesejado filho surgiu em seu colo tão lindo e calmo que ela não se sentia merecedora — sua rejeição por ele a tornava incapaz de aceitar aquele bebê que trazia as características que ela

tanto desejara nos outros. A culpa e o sentimento de não merecimento marcariam toda a minha vida. A dívida é meu traço fundador e inato. Este é o meu presépio particular — a ressignificação da minha fundação.

A psicanálise tematiza o desejo impossível do neurótico-obsessivo, este ser que sofre de pensamentos, a partir do recalque de um trauma sexual ocorrido na infância, instaurando a dinâmica autopunitiva entre gozo e censura. Assim, o obsessivo evita o prazer e o objeto desejado para evitar as terríveis punições a que estaria submetido por violar sua sujeição ao Grande Outro. Portanto, a dúvida estaria presente em cada decisão do obsessivo, que seria, então, um ser dividido, fraturado.

Recusando a procrastinação, passo a digitar cada letra que você lê neste momento na tentativa (impossível) de superação desta dificuldade de suportar a conquista do desejado.

1979

João Baptista de Oliveira Figueiredo assumia o cargo de trigésimo presidente do Brasil e daria continuidade ao processo que resultaria no fim da maior ditadura das Américas, a qual havia produzido uma classe média urbana já com muitas similaridades com a classe média de países desenvolvidos. São Paulo, a grande metrópole brasileira, vivia um processo de transformação arquitetônica e urbanística e, nessa esteira, a expansão da “periferização”, a exemplo de outras metrópoles de todo o mundo. As cidades cresciam organicamente e os primeiros subúrbios surgiam em tamanhos assustadores, dando-lhes uma nova forma e influenciando seus costumes. As pessoas vinham do campo e da região nordeste em busca de emprego nas grandes cidades, transformando, assim, as relações de trabalho para sempre. A atividade econômica pujante da capital financeira do país produzia uma classe de milionários que traziam hábitos e ideias cosmopolitas de grandes cidades, como Paris, Londres e Nova York. A “nova classe média”, por sua vez, aproveitando-se das facilidades de locomoção e do desenvolvimento da indústria da aviação, viajava a locais mais acessíveis, tanto logisticamente como culturalmente, e começava a invasão de Miami e Flórida adentro, ávida por consumismo e expe-

riências hedonistas em parques de diversões para crianças e adultos infantilizados.

O interior do Estado e as cidades próximas da capital, como Campinas, por exemplo, colhiam os frutos econômicos da proximidade com São Paulo, reproduzindo comportamentos em nova embalagem mais interiorana. Já floresciam no estado parques industriais importantes no contexto nacional: como a produção de alimentos (Marília); de calçados (Franca e São José do Rio Preto); e de têxteis (Americana), bem como outras áreas de produção variada. Os proprietários destas indústrias, que surgiram na metade do século XIX, eram grandes concentradores da riqueza nesse país. Sob a ditadura, a década de 1970 apresentou um forte crescimento econômico que enriqueceu as classes mais favorecidas, pois o índice de Gini (utilizado na época como medida da desigualdade de renda no mundo todo) teve uma sensível piora mesmo com o forte crescimento do PIB. A riqueza, portanto, teve um destino claro.

Na área da educação, as escolas particulares já eram as melhores, como resultado do processo de degradação do ensino público que o país experimentou, ainda que o período seja marcado pela democratização da educação, em que grandes massas da população passaram a ter acesso aos sistemas escolares. Os governadores e prefeitos eleitos pelos partidos de oposição ao regime militar, em fim de ciclo, nessas regiões do interior de São Paulo, notadamente o PMDB e PDT, construíram escolas públicas por todo o estado, a fim de resgatar a dívida pública que o regime militar havia deixado com as camadas mais pobres da população.

Enquanto isso, eu era um bebê recém-nascido cuidado por uma mulher negra de feições africanas, a Nena, nome

que evoca imagens carinhosas de minha tenra infância e emoções confusas por esta babá que pode ter sido meu primeiro amor; pois, segundo relatos de minha mãe, ao partir para se casar e morar em outra cidade, protagonizei choros e birras que chegaram até mesmo a ser constrangedores. Esta imagem se conecta às tradições de nosso período escravocrata em que as escravas cumpriam o papel de “amas de leite”, amamentando os filhos de seus senhores e lhes dando os primeiros carinhos. A força dessa recordação, mesmo vinda dos meus primeiros meses de vida, indica que eu ficava longos períodos aos cuidados da Nena, pois posso sentir sua presença acolhedora até hoje.

Foi um período que marcou também a consolidação de novas construções sociais. O conceito de adolescência, por exemplo, nasceu num caldo em que podemos incluir a contracultura e toda a revolução dos costumes pelo qual o mundo ocidental passava desde os anos 60 — a consolidação do *rock* enquanto fenômeno cultural, os movimentos feministas e dos homossexuais. Abria-se a porta para um mundo ocidental de inspiração marcadamente mais progressista e para uma iconoclastia dirigida a tudo o que representava os costumes conservadores e retrógrados. A cultura *punk* vivia seu apogeu e este foi o ano de lançamento do álbum icônico *London Calling*, do The Clash, e da morte por overdose de Sid Vicious, um importante personagem dos primeiros anos da cena *punk*.

O interior paulista e sua classe média já sofriam forte influência dessas ondas de comportamento vindas da Europa e dos Estados Unidos, e nossa indústria cultural (que os espíritos da Escola de Frankfurt me perdoem a ousadia) já triturava todos esses conteúdos, resultando em sua própria

versão da mercantilização dos fenômenos culturais da época. A rebeldia do *rock* transformada em produto, como o *show* do Queen, em 1981, que levou ao Maracanã mais de 100 mil pessoas, já com o público mimetizando os *shows* gringos, acendendo isqueiros para dar “aquele clima inesquecível” para todos que ali estavam; são muitos os relatos em *blogs* e mídias sociais de pessoas se orgulhando de terem participado desse que foi um dos primeiros grandes *shows* de rock em terras tupiniquins.

Minha mãe comprava roupas moda *surf* numa loja do centro da cidade e a gente adorava aqueles desenhos e *designs*, mesmo nunca tendo visto uma prancha de perto. O *punk* ainda chegou por aqui influenciando comportamentos e ideias no início, mas, logo depois, o *punk* de boutique se estabeleceu e a atitude não passava de uma estéril performance neste nosso teatro de classe média interiorana.

EDITOR A
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

A U T O R
gustavo@vegascard.com.br
facebook.com/gustavo.sartori.129

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em junho de 2021.
